



ARBOCONTROL

Re
ContAR

ARBOCONTROL REGIÃO SUDESTE

NARRATIVAS EM CENA: VOZ E ENTONAÇÃO NA PRODUÇÃO DE MÍDIAS SOCIAIS

Vitória/ES
Março de 2022



BY



NC



ND

Esta obra é licenciada nos termos Creative Commons sob a licença: Atribuição - Sem Derivações - Sem Derivados - CC BY-NC-ND, sendo todos os direitos reservados. É permitida a reprodução, disseminação e utilização desta obra, em parte ou em sua totalidade, desde que citada a fonte.

© 2022

Universidade de Brasília - UnB / Laboratório de Educação, Informação e Comunicação em Saúde - LabECoS - Selo Editorial ECoS Campus Darcy Ribeiro, s/n - Gleba FS/FM - Sala CT 77/12, Asa Norte Brasília/DF - Brasil CEP: 70.910-900 Telefone: +55 61 3107-1820 / E-mail: ecos@unb.br / www.ecos.unb.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P116n

PACHECO, Janine

Narrativas em cena: voz e entonação na produção de mídias sociais para contadores de histórias [recurso eletrônico] / Janine Pacheco; Marcos Vinicius da Silva Cordeiro - Brasília, DF: Editora ECoS, 2022.

30 p.; il.; 30 cm. (Coleção ReContAr: Textos e Contextos do Projeto Arbocontrol na Região Sudeste / v. 2)
ISBN: 978-65-995178-9-1

1. Material didático. 2. Narrativa oral. 3. Tecnologias. 3. Arboviroses. 4. Projeto Arbocontrol. I Autor. II. Marcos da Silva Cordeiro. III. Título.

CDD: 301.16

Ficha catalográfica: Alessandra Pattuzzo (CRB-6 ES/752)

NARRATIVAS EM CENA: VOZ E ENTONAÇÃO NA PRODUÇÃO DE MÍDIAS SOCIAIS

Janine Pacheco
Marcos Vinicius da Silva Cordeiro

FICHA TÉCNICA

Organização da Coleção ReContAr:
Textos e Contextos do Projeto Arbocontrol na Região Sudeste - Volume 2

Meri Nadia Gerlin
Coordenação da Região Sudeste
Vania Valente
Coordenação da Estação São Paulo

Produção, texto e roteiro
Janine Pacheco
Marcos Vinicius da Silva Cordeiro
Vitória, ES

Capa
Tiffany Yassuda Taira

Criação de arte e diagramação
João Pedro Pacheco
Tiffany Yassuda Taira

Revisão
Danielli Santos
Vania Valente
Rachel Guimarães

Apoio técnico
João Pedro C. Pacheco
Alessandra Pattuzzo

Sumário

Apresentação.....	6
A voz?.....	7
Voz é corpo.....	8
Fala e entonação.....	9
A importância da acentuação e pontuação.....	10
A arte de contar história.....	14
Narrativas na saúde.....	14
Os pilares do contador de histórias.....	15
Os pilares do contador de histórias.....	17
A busca da intenção: contar história é afeto.....	19
Ritmo: os climas expressivos da história.....	20
Os recursos internos.....	22
Os recursos externos: a técnica.....	23
Preparação geral:.....	23
Preparação para contar uma história:.....	25
Sequência narrativa: o trem e seus vagões.....	26
Preparação no momento de contar.....	27
Pistas finais:.....	27
Referências.....	27

Apresentação

A Rede Brasil do Projeto Arbocontrol apresenta à comunidade a Cartilha “Narrativas em Cena: voz e entonação na produção de mídias sociais para contadores de histórias” produzida no contexto do Componente 3 - Educação, Informação e Comunicação para o controle do vetor. O material desta cartilha originou-se a partir da oficina <https://youtu.be/QawJ0npJ52w> [Entonação da voz na produção de mídias sociais](#) disponível no canal da Rede de Estudos das Competências (REC), passando a compor o segundo volume da Coleção ReContAr: Textos e Contextos do Projeto Arbocontrol na Região Sudeste.

O objetivo desta cartilha é oferecer subsídios para apoiar contadores de histórias e demais comunicadores na criação de estratégias para popularizar, divulgar e facilitar a interpretação do conhecimento científico sobre as arboviroses, tornando conhecidas suas características, formas de prevenção, controle e combate das doenças transmitidas pelo mosquito *Aedes aegypti*.

A arte de contar histórias é milenar e a tradição oral é responsável pela preservação e transmissão da cultura, fortalecendo a identidade de um povo. Como a saúde é parte indissociável da cultura, a contação de histórias tem sido uma importante ferramenta utilizada na área da Saúde Coletiva, na Educação Popular em Saúde e na Literacia em Saúde.

É importante lembrar que cada um deve buscar a sua forma de contar histórias, aquela na qual se sinta mais à vontade, trazendo suas próprias características para a narrativa. Destacamos também, que as dicas são válidas para qualquer profissional da voz que atue com o público. Assim, nós da equipe do projeto ArboControl convidamos você a conhecer este material e assim dar passagem ao devir-contador de histórias em defesa da saúde!

Boa leitura e divirta-se!

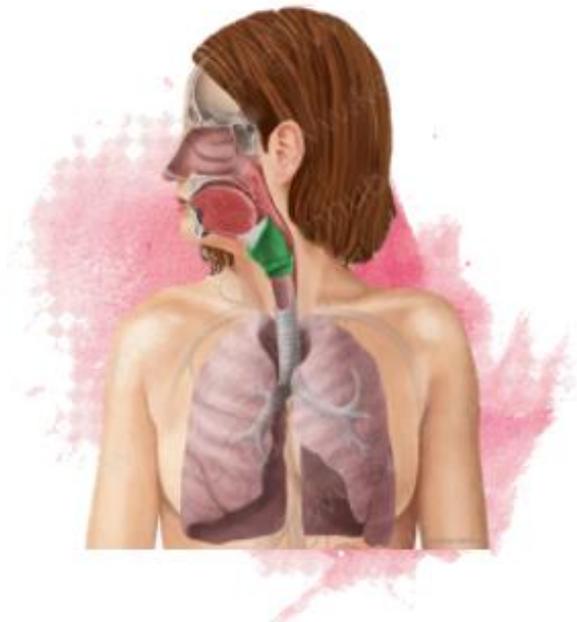
A voz?

Pensar a voz apenas como um conjunto de sons, um fenômeno físico, biofísico é simplesmente ignorar tudo que compõe a voz. Devemos pensar a nossa voz como uma extensão tocante de nossa personalidade, emoções e características. Ainda, é preciso pensar na voz enquanto uma ferramenta por meio da qual é possível acessar mundos, ter experiências e sensações e realizar trabalhos.

Para além destas características, também podemos pensá-la enquanto um instrumento artístico, seja no canto, na atuação, na oratória e na narração e contação de história. Assim, a nossa voz nos permite expressar, sentir e fazer sentir. Você já percebeu que uma pessoa não estava bem apenas pelo seu tom de voz? Ou quem sabe você reconhece alguém pelo telefone apenas pela voz e modo de falar? Esses são alguns dos superpoderes da voz.

A complexidade da voz é tão grande que envolve vários sistemas e órgãos:

- Pulmões;
- Traqueia;
- Laringe;
- Pregas Vocais (Cordas Vocais);
- Faringe;
- Língua;
- Nariz;
- Seios da face;
- Boca;
- Outros



Voz é corpo

Estando localizada no pescoço as cordas vocais, como as pregas vocais são popularmente conhecidas, são abrigadas por um órgão feito de cartilagem e músculo chamado de laringe. A voz e o corpo, quando em harmonia ou em desarmonia afetam diretamente a produção da comunicação humana. É muito possível transmitir sentimentos e até mesmo sensações físicas pela voz. Uma dor no dedinho do pé, uma dor de cabeça ou de estômago pode ocasionar uma mudança temporária na voz.

Todo nosso corpo está interligado.

Curiosidade:

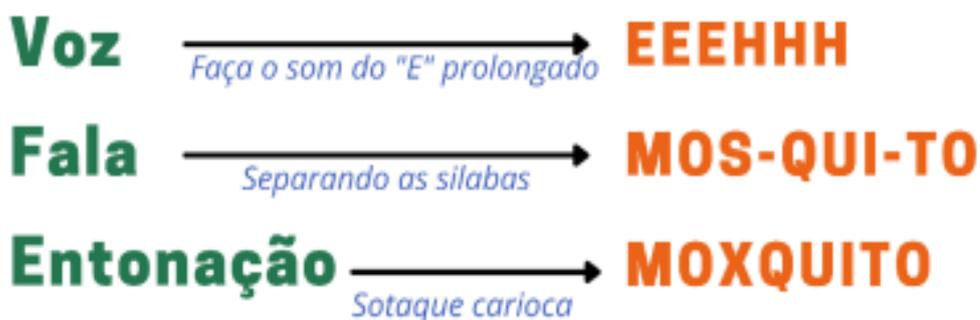
- A laringe é um órgão móvel de cartilagem ligado por músculos e que protege os pulmões. Fica localizada na região do pescoço.
- A principal função tanto da laringe, quanto das pregas vocais (cordas vocais) é a proteção do pulmão.
- A voz é uma segunda função da laringe fruto do processo de evolução da espécie humana.
-
- Muitos animais possuem laringe, mas não a fala.

Fala e entonação

É muito comum confundirmos voz, fala e entonação como sendo as mesmas coisas, porém não são. A voz, podemos pensar como o som em movimento de ondas sonoras que nem sempre tem sentido. Se você produzir um som “zummmmm” esse é apenas um som. Algumas pessoas podem associá-lo ao zumbido de uma abelha. Ou a algum som familiar, mas na realidade é apenas uma vibração das cordas vocais sem nenhum objetivo de comunicação. Agora a fala é a articulação de sons que produz uma palavra.

A fala é vestida de intencionalidade e conteúdo, tem uma ordem (a organização onde cada som deverá aparecer). Existem uma infinidade de ações neurais na produção da fala. Isso porque para falar é necessário um conjunto de fatores como: audição; experiência; capacidade mental e cognitiva entre outros. As modulações, acentuações, efeitos, sotaques ou simplesmente as maneiras com que as palavras são faladas, todo esse conjunto é conhecido como entonação. É na entonação, a forma que você fala, que passará os sentimentos que deseja despertar em seu ouvinte.

Vamos praticar um pouquinho e aprender as diferenças:



A importância da acentuação e pontuação

Além de estar atento a toda parte fisiológica da produção da voz é preciso pensar na forma como interpretamos o texto durante a narrativa. Nesse aspecto, torna-se imprescindível fazer o uso correto da pontuação, pois qualquer alteração na forma como a frase é pontuada tem a capacidade de mudar totalmente o seu sentido.

Veja nos exemplos abaixo:

**A vírgula pode ser uma
pausa...
ou não...**

**Não, espere!
Não espere!**

Ela pode sumir com seu dinheiro...

**235,4.
23,54.**

Pode ser autoritária...

*Aceito obrigado.
Aceito, obrigado.*

Ela pode ser a solução...

*Vamos perder, nada foi resolvido.
Vamos perder nada, foi resolvido.*

Cuidado! A pontuação pode ser usada de acordo com o interesse de cada um

*Deixo meus bens à minha irmã não a meu sobrinho
jamais será paga a conta do padeiro nada dou aos pobres.*

Sobrinho.....

Deixo meus bens à minha irmã? Não! A meu sobrinho. Jamais será paga a conta do padeiro. Nada dou aos pobres.

Irmã.....

Deixo meus bens à minha irmã. Não a meu sobrinho. Jamais será paga a conta do padeiro. Nada dou aos pobres.

Padeiro.....

Deixo meus bens à minha irmã? Não! A meu sobrinho? Jamais! Será paga a conta do padeiro. Nada dou aos pobres.

Representante dos pobres.....

Deixo meus bens à minha irmã? Não! A meu sobrinho? Jamais! Será paga a conta do padeiro? Nada. Dou aos pobres.



Resumindo: pontuação e acentuação mudam TUDO!

A arte de contar história

Narrativas na saúde

A arte da narrativa tem grande importância para a sociedade e as(os) contadoras(es) de histórias são guardiãs(ões) da cultura e da memória, preservando as singularidades que fazem o nosso país tão plural.

No campo da saúde, as narrativas vêm sendo usadas na construção de metodologias qualitativas que dão passagem às subjetividades do processo saúde-doença-cuidado, possibilitando a construção de políticas públicas com mais igualdade e equidade. Além disso, as narrativas são excelentes dispositivos para dar voz às populações mais vulneráveis tornando suas demandas conhecidas, além de compartilhar novas formas de sentir/pensar/agir em saúde.

Ademais, a contação de história constitui-se em uma excelente ferramenta para educação e promoção da saúde, uma vez que carrega a potência para aproximar o conhecimento sintético (da academia) do senso comum (população),



construindo pontes que permitam um intercâmbio entre o saber científico e o saber da experiência (BARBOSA, 2020; CASTELLANOS, 2019).

Exercício: Faça uma entrevista com uma pessoa acima de 80 anos e pergunte como eram os cuidados de saúde no tempo em que ela era criança. Anote os fatos e personagens mais importantes. Depois tente construir uma narrativa com começo/meio/fim a partir dessa entrevista.

Os pilares do contador de histórias

Para contar histórias precisamos mobilizar muitos recursos, internos e externos, que permitam ao contador/narrador criar imagens a partir da palavra. Por isso, é preciso desenvolver seus pilares:

PILARES DO CONTADOR

1. VOZ
2. CORPO
3. IMAGEM
4. ESPAÇO



A voz é uma das ferramentas mais importantes para o contador/narrador, por isso é preciso cuidar constantemente dela, fazendo exercícios para aquecer e desaquecer a voz sempre que realizar uma contação de histórias.

Além disso, é preciso ter hábitos saudáveis e cuidar do corpo como um todo, já que a voz é produzida em conjunto por vários sistemas do corpo humano. Um corpo cansado ou tenso resulta em uma voz cansada, rouca ou espremida. Isso

limita a interpretação e a capacidade do contador de produzir imagens na cabeça de quem ouve a história.

Sim, porque contar histórias significa produzir imagens, e isso requer o uso do corpo todo. Por isso, antes de contar histórias, também é preciso aquecer o corpo e deixá-lo pronto para a ação.

O uso que o contador/narrador faz do corpo é semelhante ao de um ator, mas com limitações, pois sua tarefa é sugerir imagens através da narração e permitir que o ouvinte faça o resto, não entregando nada pronto (BUSATTO, 2003). É a metáfora do tecido e seus interstícios onde o contador/narrador cria uma trama, mas permite que a plateia possa entrelaçar seus fios para completar a tecelagem (BARBOSA, 2019).

Aconselha-se que o contador busque explorar movimentos diferenciados, explorando as potencialidades de seu corpo, para aumentar seu repertório corporal na hora de produzir imagens:

- Direção – para onde você se movimenta (frente, atrás, direita, esquerda, diagonais, acima, abaixo);
- Planos – altura do movimento (alto, médio, baixo);
- Dimensão – tamanho do movimento (pequeno, médio, grande);
- Força – intensidade empregada no movimento (leve, médio, forte);
- Tempo – velocidade com que o movimento é executado (devagar, médio, rápido) (BUSATTO, 2003, p. 57-58).

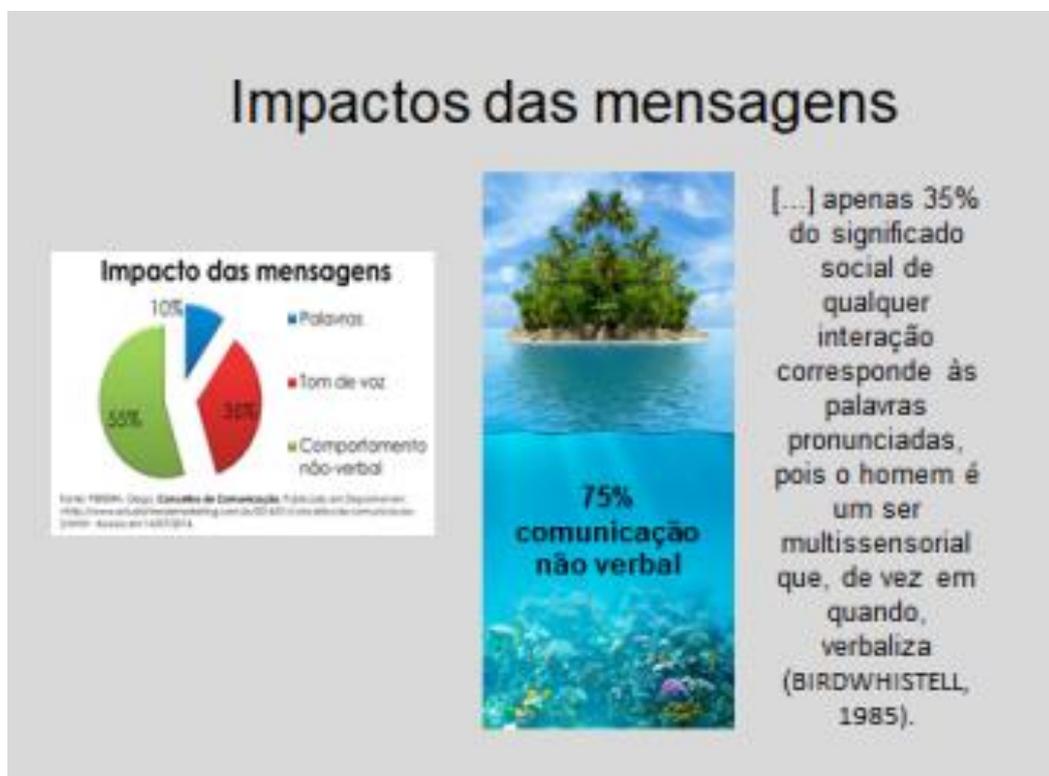
É claro que cada contador/narrador possui características próprias e pode escolher explorar/utilizar os recursos que mais domina. Isso faz com que cada um seja um contador/narrador único, com características próprias que o diferencia dos demais. Mas lembre-se que esses recursos não devem ser óbvios, mas sim enriquecer a narrativa, sem transformar a contação de histórias em um teatro.

Exercício: De frente para um espelho, experimente contar uma história que você conhece bem, sentado em uma cadeira, sem mexer o corpo, apenas com uso das expressões faciais e da voz. Explore todas as potencialidades do seu rosto. Depois repita a história adicionando os braços e mãos. Por último conte a história de pé usando todo o corpo. Como se sentiu? O que foi mais fácil? O que

descobriu sobre seu corpo durante esse exercício? O que você precisa desenvolver mais? O que você já tem bem desenvolvido?

Os pilares do contador de histórias

A fala é muito importante, todavia, como diz um velho ditado popular, a palavra pode até convencer, mas o exemplo arrasta. Mais de 70% do impacto das mensagens é dado pelo comportamento não-verbal. Por isso é preciso conhecer bem o nosso corpo para que nossa interação com a plateia tenha sucesso.



Além das imagens produzidas pelos braços, pernas, cabeça e tronco, é preciso cuidar também da linguagem paraverbal, que pode ser descrita como o jeito que utilizamos para falar.

Linguagem Paraverbal: O jeito como falamos

Sons produzidos pelo aparelho fonador:
Ex. Entonação, ritmo, grunhidos, suspiros, riso, choro...

A fala > Informação
Paraverbal > emoção
O tom da voz pode dar algumas pistas:
• Traços de personalidade
• Características físicas.

A ÊNFASE em uma palavra pode dar outro sentido para a mesma.
Ex. Você é **muito inteligente!**



Aqui cabe um cuidado especial com os vícios de linguagem como: “E aí”, “Então”, “Não é”, “Entendeu” e alguns vícios corporais como: cruzar os pés ou os braços enquanto narra, colocar as mãos nos bolsos ou para trás, ficar andando de um lado para o outro enquanto fala etc. Um corpo agitado, inquieto, GRITA. E esse grito incomoda a plateia que acaba esquecendo a história para prestar atenção nesses “barulhos” corporais.

Então é importante conhecer que “barulhos” seu corpo produz para que o interesse da plateia sobre a narrativa, não se perca. Importante ressaltar que durante uma narrativa a conexão com a plateia se dá principalmente pelo olhar. Quando dizem que o olho é a janela da alma, não é à toa. Através do olhar podemos comunicar o mundo sem que seja preciso levantar um dedo. Lembre-se disso, principalmente se você grava vídeos. Olhar para câmera aproxima você daquele que te ouve.

Exercício: Grave um vídeo seu contando uma história, depois assista e anote todas as linguagens paraverbais que identificou. Isso também pode ser feito com um vídeo de uma outra pessoa. Estar atento para esse tipo de comunicação torna você uma pessoa mais consciente dos recursos de seu corpo.

A busca da intenção: contar história é afeto

Contar/narrar uma história é uma ação que envolve afeto, ou seja, sua capacidade de fazer as pessoas sentirem alguma coisa, ao mesmo tempo em que você se permite sentir/afetar. Por isso, na hora de escolher uma história é preciso que ela sensibilize/toque/afete primeiro o contador. Se uma história não lhe diz nada, dificilmente dirá algo aos ouvintes. Por isso é importante também entender qual é a sua intenção ao contar histórias.

Vamos dizer que você queira contar histórias para entreter. Nesse caso seu foco estará em buscar um repertório que permita divertir a plateia. Por outro lado, se você contar histórias para ensinar alguma coisa, seu repertório estará focado em histórias sobre determinado tema/assunto, mas isso não significa que você precise deixar de lado a diversão, o sentimento. Sua intenção pode se desvelar aos poucos, desde que você esteja atento e exercite a contação, como também pode mudar com o tempo. De qualquer forma ela precisa estar clara, pois vai determinar a forma como você vê a história e como as pessoas vêem a história contada por você (BUSATTO, 2003; MACHADO, 2004).



Fonte: Machado, 2004; Busatto, 2003. Adaptação do autor.

Dominar técnicas/recursos para contar histórias não faz de ninguém um bom contador de histórias, porque contar história só tem sentido se nasce da experiência, ou seja, daquilo que nos afeta e me toca.

Aventure-se a investigar um plano simbólico tendo em mente que muitos contos são metáforas do ser humano, mas não precisa dizer ao fim de uma história o que ela significa. Lembre-se que as narrativas são como tecidos construídos junto com quem ouve. O significado de uma história é singular para cada um, ao mesmo tempo em que é plural. Essa dimensão estética não pode ser esquecida (BARBOSA, 2020).

Exercício: Faça uma lista das histórias que você mais gostava quando criança. Depois faça uma lista das que você gosta hoje. Compare as listas e identifique quais histórias têm elementos em comum e quais são as diferenças. Você percebeu alguma constância ou mudança nos seus gostos? Por que isso aconteceu?

Ritmo: os climas expressivos da história

“Quando a fala de quem estava contando a história tinha ritmo, a imagem vinha na minha cabeça. Quando não, a imagem não aparecia” (MACHADO, 2004, p.71)

A avaliação acima feita por um aluno de um curso sobre a arte de contar histórias mostra como o tom monótono da leitura ou da fala pode distanciar o ouvinte, impedindo as pessoas de “enxergarem” a história.

Segundo Regina Machado (2004), as imagens produzidas por uma narrativa podem ser: visuais, táteis, olfativas e sonoras e para produzi-las o contador precisa mostrar os diferentes “climas expressivos” que o conto propõe através da cadência, do ritmo.

IMPRIMINDO RITMO À NARRATIVA



Como a(o) NARRADORA(R) aprende a se tornar receptivo ao ritmo, pulsação do texto?

Fonte: Machado, 2004; Busatto, 2003. Adaptação do autor.

Leia o texto abaixo retirado do conto "*Os músicos de Bremen*" (BELINKY, 1989) sugerido por Cléo Busatto (2003) em seu livro *Contar e Encantar*:

Mas o gato não queria saber de brincadeiras, pulou-lhe na cara mordendo e unhando. O homem levou um susto horrível e quis escapar pela porta dos fundos, mas o cão estava lá, pulou e mordeu-lhe a perna. E quando ele corria pelo quintal passou pelo esterco e o burro lhe deu um valente coice com a pata traseira. E o galo, que acordara com a gritaria, animou-se e gritou cocoricó.

Neste trecho do conto é possível imprimir um ritmo ágil e apressado que cria uma imagem de urgência e desespero do homem ao tentar fugir morrendo de medo.

Lembre-se de que a PAUSA é elemento essencial na criação do ritmo. Então é possível usar a pausa para criar climas de suspense, ansiedade, surpresa.

Exercício: Experimente fazer a leitura de um texto imprimindo vários ritmos diferentes e buscando criar climas diferentes para a história: com sono, gaguejando, cansado, com medo, muito feliz, entristecido ou desanimado, apaixonado, entre outros que você possa imaginar.

Os recursos internos

Numa mesma história é possível encontrar vários climas. Para perceber esses climas o contador precisa ter uma disposição que se alcança a partir do desenvolvimento de algumas habilidades internas.



Fonte: Machado, 2004; Busatto, 2003. Adaptação do autor.

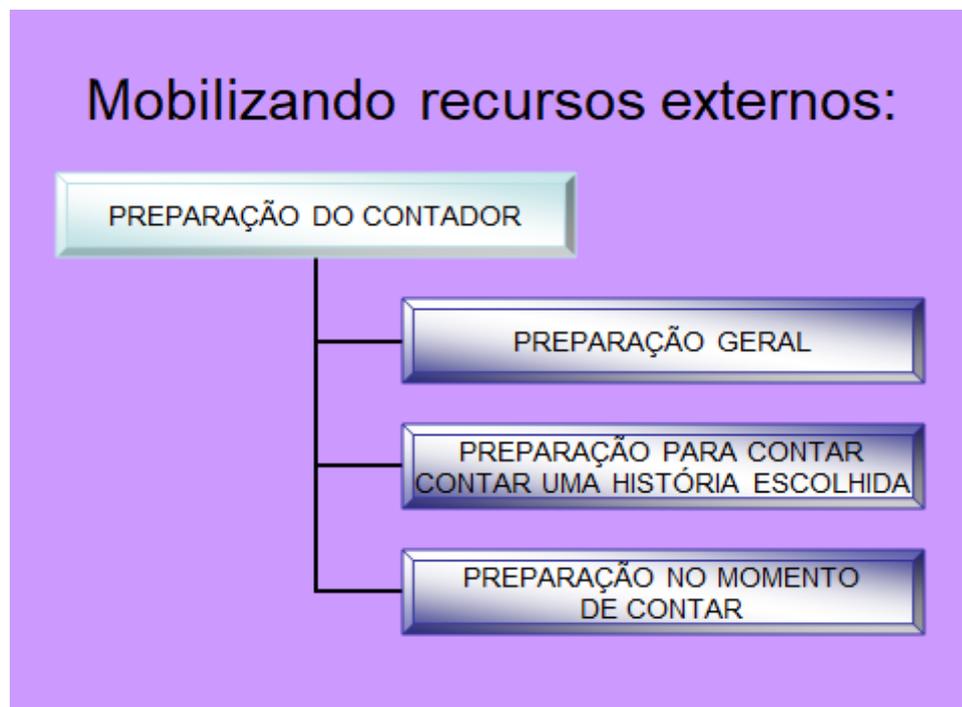
“O dom de contar histórias é, na verdade, um exercício constante, um aprimoramento contínuo de possibilidades internas de ver o mundo de outras formas”. O dom, aqui, não se trata de “uma característica pronta, concedida, sem trabalho”, sem esforço. “Os contadores de histórias tradicionais nunca fizeram cursos, mas com certeza aprenderam intuitivamente sua arte, exercitando suas habilidades andando pela rua, conversando com as pessoas, cismando sobre a vida, tomando banho” (MACHADO, 2004, p. 73).

Exercício: Escolha uma história e faça a leitura com muita atenção. Tente identificar os diferentes climas da história: suspense, felicidade, tristeza, alegria, dúvida, medo, romance etc. Com lápis de cores diferentes vá sinalizando esses climas diferentes e criando uma legenda, por exemplo: azul para tristeza,

vermelho para urgência, amarelo para alegria... Depois do texto grifado, faça a leitura buscando imprimir com sua voz o ritmo de cada clima diferente. Finalmente narre a história e grave, se possível. Caso não possa gravar, conte a história para alguém e pergunte se essa pessoa conseguiu “visualizar” as imagens da história.

Os recursos externos: a técnica

Se cada história pode ser contada de uma forma diferente, como saber qual é a melhor forma de narrá-la? Fazendo uso da técnica, que nada mais é do que a escolha de uma determinada forma de narrar a partir de uma INTENÇÃO, e levando em consideração os RECURSOS INTERNOS e RECURSOS EXTERNOS.



Fonte: Machado, 2004; Busatto, 2003. Adaptação do autor.

Preparação geral:

- Observação, percepção de detalhes, imaginação, curiosidade;
- Trabalho com a intenção;
- Pesquisa de repertório;
- Visitas a livrarias, bibliotecas e sebos;
- Leitura e classificação de contos: por temas, por idade, por origem, por gênero, por gosto etc.;

- Pesquisa de diferentes começos e finais de histórias. *

*Regina Machado (2004) ressalta que os começos e finais das histórias têm o poder de abrir a porta que nos leva para o mundo do “Era uma vez” e trazer-nos de volta para o mundo em que estamos. O contador de histórias pode inventar vários começos e finais e escolher a forma como essa passagem vai se dar: lenta ou abrupta, engraçado, surpreendente, com suspense. Os contos populares estão cheios de começos e finais diferentes. Ex. “No tempo em que não havia tempo, num lugar que era lugar nenhum...”, “Na época em que os animais falavam...”, “Entrou por uma porta, saiu pela outra. O rei meu senhor que lhe conte outra.”, “E foram felizes na terra, como os anjos no céu.” O cuidado com essa escolha pode definir uma boa sessão de contação de histórias.

Exercício: Invente uma forma diferente para iniciar e finalizar a história abaixo:

A Ratoeira
Conto popular

Era uma vez um rato, olhando pelo buraco na parede, vê o fazendeiro e sua esposa abrindo um pacote. Pensou logo em que tipo de comida poderia estar ali. Ficou aterrorizado quando descobriu que era uma ratoeira. Foi para o pátio da fazenda advertindo a todos:

- Tem uma ratoeira na casa, uma ratoeira na casa!

A galinha, que estava cacarejando e ciscando, levantou a cabeça e disse:

- Desculpe-me Senhor Rato, eu entendo que é um grande problema para o senhor, mas não me prejudica em nada, não me incomoda.

O rato então foi até o cordeiro e disse a ele:

-Tem uma ratoeira na casa, uma ratoeira!

- Desculpe-me Sr. Rato, mas não há nada que eu possa fazer, a não ser orar. Fique tranquilo que o senhor será lembrado nas minhas preces.

O rato dirigiu-se então à vaca. Ela respondeu:

- O que Sr. Rato? Uma ratoeira? Por acaso estou em perigo? Acho que não!

Então o rato voltou para a casa, cabisbaixo e abatido, para encarar a ratoeira do fazendeiro.

Naquela noite ouviu-se um barulho, como o de uma ratoeira pegando sua vítima.

A mulher do fazendeiro correu para ver o que havia pego. No escuro, não viu que a ratoeira pegou a cauda de uma cobra venenosa. A cobra picou a mulher.

O fazendeiro a levou imediatamente ao hospital. Ela voltou com febre. Todo mundo sabe que para alimentar alguém com febre, nada melhor que uma canja.

O fazendeiro pegou seu cutelo e foi providenciar o ingrediente principal: a galinha.

Como a doença da mulher continuava, os amigos e vizinhos vieram visitá-la. Para alimentá-los, o fazendeiro matou o cordeiro. A mulher não melhorou e acabou morrendo. Muita gente veio para o funeral. O fazendeiro então sacrificou a vaca para alimentar todo aquele povo.

Na próxima vez que você ouvir dizer que alguém está diante de um problema e acreditar que o problema não lhe diz respeito, lembre-se que, quando há uma ratoeira na casa, toda a fazenda corre risco.

Preparação para contar uma história:

Quando o contador/narrador escolhe uma história precisa se perguntar: O que essa história traz para mim? Para depois responder “O que eu trago para essa história?”

Assim é possível escolher a melhor forma para contar/narrar uma determinada história.

Faz parte da preparação para contar uma história:

- Investigar a estrutura, os climas e os personagens da história, exercitando seus recursos internos e recolhendo informações que podem indicar como a história pede para ser contada.
- Elaborar o roteiro da história, sintetizando sua sequência narrativa.
- Escolher os recursos externos se achar que são necessários: objetos, panos, música, canto, luz, roupa, acessórios cênicos.

IMPORTANTE!



Os recursos externos devem estar a serviço da história. A história deve ser a “estrela” do momento de contação.

Evitar recursos que sejam óbvios, descritivos ou redundantes. Eles devem, antes de mais nada, surpreender a audiência enriquecendo a narrativa.

Sequência narrativa: o trem e seus vagões



Assim como um trem tem uma locomotiva que puxa todos os outros vagões, a história tem um núcleo inicial a partir do qual ela se desenvolve: uma necessidade, uma tarefa ou desafio, dificuldade ou busca, um fato que desencadeia a história, enfim um conflito.

Assim como a locomotiva e os vagões do trem estão ligados, cada parte da história, da primeira à última, liga-se às outras formando a sequência narrativa.

A tarefa do contador é identificar cada parte para encontrar a questão narrativa que a define. É um exercício de síntese e articulação que auxilia o contador de histórias na hora de narrar, evitando “brancos” ou esquecimentos.

Regina Machado (2004) sugere a divisão da história em 8 partes, estabelecendo zonas de ação para identificar o trem da história. Mas cada contador pode resumir em quantas partes achar melhor, desde que não sejam muitas, pois aí fica difícil memorizar.

Elaborando esse roteiro, que pode ser feito com frases ou palavras, é possível sintetizar as principais ações de cada momento da história. Assim, o contador de histórias pode ter uma visão geral da narrativa e de como ela se desenrola. Além de um exercício de compreensão inicial, trata-se de um exercício de memorização.

O contador de história Alexandre Camilo (Santos, SP), sugere a roteirização a partir da identificação de ONDE, QUEM, O QUE.

Exercício: Continue a fazer o roteiro da história “A Ratoeira” e depois tente narrá-la utilizando apenas essa sequência:

Nº	ONDE	QUEM	O QUE
1	Buraco na parede	o rato o fazendeiro e sua mulher	chegada da ratoeira na fazenda
2 [...]			

Preparação no momento de contar

- Perceber as qualidades do espaço;
- Trazer a história (Passagem do mundo real para o mundo do “Era uma vez”) presentificando a história. Trata-se sempre de um CONVITE, então faça-o de forma afetuosa.

Pistas finais:

- Fazer obrigatoriamente a leitura prévia do texto;
- Identificar palavras que não sabe a pronúncia e o significado;
- Destacar as palavras que deverão ser enfatizadas (sussurrando, aumentando o volume, ralentando, acelerando, silabando, mudando a entonação);
- Somar a tudo isso a expressão corporal, lembrando sempre da linguagem paraverbal.
- Vivenciar a experiência da narrativa, afetando/tocando e permitindo-se afetar.

Esperamos que tenham feito um bom proveito da seleção que fizemos das técnicas comumente usadas pelos contadores de histórias de todos os cantos do Brasil, assim como que tenham gostado das sugestões dos exercícios que visam possibilitar habilidades e competências para um melhor uso da sua voz no decorrer de cada narrativa contada para a produção da saúde em espaços presenciais e virtuais nossos de cada dia.



“O DOM DE CONTAR HISTÓRIAS É, NA VERDADE, UM EXERCÍCIO CONSTANTE, UM APRIMORAMENTO CONTÍNUO DE POSSIBILIDADES DE VER O MUNDO DE OUTRAS FORMAS.”

Regina Machado

Referências

BARBOSA, J.P.M. (Des)Tecendo a produção de cuidado à mulher em situação de violência. RJ: Bonecker, 2020.

BHELAU, M. Voz: o livro do especialista. v. 1, 2 ed. RJ: Editora Revinter, 2004.

BUSATTO, C. Contar e encantar: pequenos segredos da narrativa. RJ: Editora Vozes, 2003.

CASTELLANOS, M.E.P. A narrativa nas pesquisas qualitativas em saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 19, n. 4, p. 1065-1076, 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v19n4/1413-8123-csc-19-04-01065.pdf>>. Acesso em: 16 fev. 2019.

GRIMM, J. Os músicos de Bremen. In: Os contos de Grimm. Ilustrações Janusz Grabianski; tradução do alemão Tatiana Belinky. SP: Paulinas, 1989.

MACHADO, R. Acordais: fundamentos teórico-poéticos da arte de contar histórias. SP: DCL Difusão Cultural, 2004.

NUNES, L. Cartilha de Teatro: manual de voz e dicção. 2 ed. Rio de Janeiro, 1976.

Bibliografia para aprofundamento:

ABRAMOVICH, F. Literatura infantil: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1989.

BAJARD, E. Afinal, onde está a leitura? *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 33, novembro, 1992. 13 p.

BAMBERGER, R. Como incentivar o hábito de leitura. São Paulo: Abril, 1995.

BENJAMIN, W. O narrador. In: *Magia e Técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e histórias da cultura*. Obras escolhidas, v.1. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BETTELHEIM, B. *Psicanálise dos contos de fadas*. 3. ed. Trad.: Arlene Caetano. RJ: Editora Paz e Terra, 1980.

CARDOSO, J. (Barão de Paranapiacaba). *Fabulas de La Fontaine*. v. 1, 2. ed. RJ, Imprensa Nacional, 1886.

CASCUDO, L. da C. *Contos tradicionais do Brasil*. 12. ed. São Paulo: Global, 2003

CASCUDO, L. da C. *Dicionário do folclore brasileiro*. RJ: Ediouro, 1998.

CASCUDO, L. da C. *Lendas brasileiras*. RJ: Ediouro, 2000.

COELHO, B. *Contar histórias: uma arte sem idade*. 8. Ed. SP: Ática, 1998.

DOHME, V. *Técnicas de contar Histórias*. SP: Informal Editora, 2000.

FERNANDES, M. *Fábulas Fabulosas*. 15. Ed. RJ: Nórdica, 1999.

FREIRE, P. *A importância do ato de ler*. São Paulo: Cortez, 2005.

GADOTTI, M. *O que é ler? Leitura: teoria e prática*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

PENNAC, D. *Como um romance*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

PRIETO, H. *Quer ouvir uma história: Lendas e mitos no mundo da criança*. São Paulo: Angra, 1999. Col. Jovem Século XXI.

RODA DE HISTÓRIAS. Disponível em: www.rodadehistorias.com.br

SANTOS, J. R. *Eu gosto de África*. Cia. EncantaConto, contadores de histórias. Disponível em: www.encantaconto.com.br

TAHAN, M. *A arte de ler e contar histórias*. 5. ed. Rio de Janeiro: Conquistar, 1966.

VILLARDI, R. *Ensinando a gostar de ler: formando leitores para a vida inteira*. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1997.

ZIRALDO. *A escola não está preparada para a mágica da leitura*. Nova Escola, Fundação Victor Civita, n. 25, out. 1988.

©Janine Pacheco (2022). Todos os direitos de texto e imagem reservados, de acordo com a Lei de Direitos Autorais do Brasil (L9.610/1998), nesta obra disponibilizada, gratuitamente, pelo Projeto Arbocontrol sob a coordenação do Núcleo de Estudos em Saúde Pública da Universidade de Brasília.

Coordenadora Geral do Projeto Arbocontrol
Maria Fátima de Sousa

Coordenadora do Componente 3 - Educação, Informação e Comunicação para
o controle do vetor
Ana Valéria M. Mendonça

Coordenação Editorial
Elmira Luzia Melo Soares Simeão

Secretaria Editorial
Luana Dias da Costa

Produção/Apoio



MINISTÉRIO DA
SAÚDE



Esta cartilha é parte da Coleção ReContAr: Textos e Contextos do Projeto Arbocontrol na Região Sudeste que é composta pelos seguintes títulos:

- **A oralidade em processos de comunicação no ambiente digital**
- **Narrativas em Cena: voz e entonação na produção de mídias sociais para contadores de histórias**
- **Infográficos e Materiais de Comunicação no Combate às Arboviroses**
- **Fake News e o uso dos checadores de fatos**
- **Competência em informação e midiática na educação**
- **Fontes de informação para bibliotecas públicas e escolares**

Neste volume apresentamos subsídios para apoiar contadores de histórias e demais comunicadores na criação de estratégias para popularizar, divulgar e facilitar a interpretação do conhecimento científico sobre as arboviroses, tornando conhecidas suas características, formas de prevenção, controle e combate das doenças transmitidas pelo mosquito *Aedes aegypti*.

Meri Gerlin (UFES)

Vania Valente (UNESP)

Projeto Arbocontrol - Região Sudeste

Produção



ReContAr

ARBOCONTROL REGIÃO SUDESTE